

A CRIANÇA INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA DA CIDADE DE PARINTINS/AM

Marlinéia da Silva Vieira ¹, Priscila da Silva Nascimento ²

1. Estudante de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas- UEA *liw_dona@hotmail.com

2. Professora da Universidade do Estado do Amazonas-UEA

Palavras Chave: Crianças, indígenas, ensino-aprendizagem.

Introdução

O estudo apresenta os resultados de uma investigação realizada com crianças indígenas Sateré-Mawé em uma escola municipal da cidade de Parintins, interior do Estado do Amazonas. Nosso objetivo foi conhecer, por meio das falas das crianças, o processo de ensino aprendizagem vivenciado por elas em uma escola urbana.

Para tanto, realizamos um trabalho de cunho etnográfico, onde por meio da observação participante e conversas informais com as crianças indígenas que cursavam entre o 1º ao 5º ano do ensino fundamental pudemos compreender que as mesmas pertencem e participam de uma sociedade com padrões, valores e regras específicas e que ao serem inseridas no contexto escolar urbano enfrentam diversas dificuldades que precisam ser consideradas pela escola, de modo a garantir o direito legítimo de ser criança indígena Sateré-Mawé.

Resultados e Discussão

Durante a realização deste trabalho, as crianças indígenas deixaram claro em suas falas a importância da escola em suas vidas e ainda a certeza de que é através da educação que poderão alcançar a profissão desejada e assim melhorar sua qualidade de vida.

Ao serem questionadas a respeito do motivo de estar na escola, as respostas foram imediatas: *“eu venho porque quero ser professora”, “temos que estudar para ajudar em casa”, “aqui vou aprender muitas coisas”, “venho para escola porque gosto”*. De acordo com as observações realizadas, percebemos que o desejo de aprender em contexto urbano vai sendo muitas vezes sufocado por uma lista de dificuldades que precisam ser enfrentados pelas crianças indígenas; a principal delas é a língua, como podemos analisar nas falas a seguir: *“às vezes eu não sei o que a professora fala”, “fico boiando”*.

Destacamos que essa é uma das maiores dificuldades das crianças indígenas que vem da comunidade indígena para estudar nas escolas da área urbana de Parintins e que elas merecem ser compreendidas e acompanhadas com muita atenção por toda a comunidade escolar, pois o fato de não compreenderem alguns termos usados pelos professores na escola leva algumas delas ao silêncio.

A esse respeito, perguntamos o porquê de ficarem caladas e elas nos respondem: *“fico com vergonha de perguntar”, “porque os colegas vão rir”*. A atitude de silenciar perante uma dificuldade que impede a realização das atividades propostas em sala de aula faz com que as crianças sejam interpretadas de forma equivocada, sendo denominadas como “preguiçosas” ou “desinteressadas”. Assim, para que não sofram com o pré-conceito existente na escola vindo dos próprios colegas as crianças indígenas acabam por negar sua identidade étnica dentro desses espaços.

Conclusões

A pesquisa nos faz refletir sobre a necessidade de se garantir o direito das crianças a serem alunos indígenas em contexto urbano. Esta questão vem sendo ao longo dos anos um grande desafio a ser enfrentado, não somente pelas crianças, mas por todos os envolvidos neste processo, pois mesmo que já seja um direito garantido em leis nacionais e internacionais para que saiam do papel demanda de boa vontade não só política, mas também social, para que assim possamos garantir uma educação com qualidade às crianças indígenas.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Legislação escolar indígena**, 2001 Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17-02-2016

CHRISTOFARI, Ana Carolina; FREITAS, Claudia Rodrigues de; BAPTISTA, Claudio Roberto. *Medicalização dos modos de Ser e de Aprender*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1079-1102, dez. 2015.